

SuperSaberes - a construção da Superintendência de Saberes Tradicionais na UFRJ

Frank Wilson Roberto¹

Marcia Cabral da Costa²

Samira Lima da Costa³

Eleonora Gabriel⁴

Katya de Souza Gualter⁵

Janete Nascimento⁶

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57933>

Resumo: Este artigo é uma cartografia do processo de construção da Superintendência de Saberes Tradicionais da UFRJ, localizada no Fórum de Ciência e Cultura, órgão que coordena as políticas de difusão cultural e de divulgação científica da UFRJ com objetivos de promover ações transversais entre as diversas áreas do conhecimento e estreitar os laços entre a Universidade e a sociedade civil.

¹ Frank Wilson Roberto. Doutor em Memória Social pela UNIRIO, professor adjunto do Departamento de Arte Corporal da EEFD/UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: frank@eefd.uff.br - <https://orcid.org/0000-0002-9282-1644>

² Marcia Cabral da Costa. Doutora Psicologia pela UFF, professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: marciacabralto@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-4864-4310>

³ Samira Lima da Costa. Doutora em Psicologia Comunitária e Ecologia Social pela UFRJ. Professora associada III do Departamento de Terapia Ocupacional (Faculdade de Medicina) e do Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Instituto de Psicologia) da UFRJ. E-mail: biasamira@medicina.uff.br - <https://orcid.org/0000-0003-4891-0436>

⁴ Eleonora Gabriel. Doutora em Artes pela UERJ. Professora associada III do Departamento de Arte Corporal da EEFD/UFRJ. E-mail: lolafole@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-6786-6330>

⁵ Katya de Souza Gualter. Doutora e Professora associada do Departamento de Arte Corporal da EEFD/UFRJ. E-mail: katyagualter@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-6971-4330>

⁶ Janete Nascimento. Mestre pelo Programa de Pós-graduação de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS, Instituto de Psicologia, na UFRJ, Professora da Rede Municipal de Nova Iguaçu –RJ. E-mail: netinhabaptista@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0005-9905-3405>

Recebido em 31/03/2023, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

Conhecida como SuperSaberes, esse espaço de gestão é fruto da luta pelo reconhecimento dos saberes tradicionais e das culturas populares na Universidade, coordenada por pesquisadores que ao longo de mais de três décadas vem desenvolvendo trabalhos na UFRJ com grupos pertencentes a essas comunidades. Uma construção tecida pelas partilhas amigas e bordadas coletivamente pelas mãos de mestras e mestres de tradição e de acadêmicos da UFRJ inspirados e contagiados por experiências de inclusão de mestres de saberes tradicionais nas universidades públicas brasileiras. A relevância deste manuscrito se contextualiza ao fato de reconhecer a criação da SuperSaberes como parte das conquistas de grupos historicamente violados de seus direitos frente a uma sociedade estruturada pelo racismo e pelas lógicas coloniais ainda presentes no país. É importante contextualizar que a origem da UFRJ é ligada à formação superior para atender a uma elite social e econômica, mas ao longo de sua trajetória, ela foi sendo atravessada por movimentos sociais, políticos e epistemológicos diversos, impulsionando transformações. Uma dessas conquistas foi a democratização do acesso através da implantação da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que tornou as universidades públicas mais plurais e diversificadas. A lei impulsionou mudanças substanciais nas políticas institucionais, em conteúdos, programas, ementas e referências, bem como a entrada de discentes oriundos de comunidades pretas e indígenas colocando para a universidade um novo desafio: a permanência. Nas narrativas desses estudantes dentro da academia, ecoa o clamor pela presença de docentes e bases referenciais próprias a seus povos, ao invés de serem forçados a deslocarem-se para dentro de uma base referencial euro-cristã, que muitas vezes figuram como o lugar do colonizador em suas marcas, histórias e memórias comunitárias. É assim, embora tardia em relação à implantação de políticas e ações afirmativas relacionadas às cotas e à inclusão de saberes tradicionais na UFRJ, que esse brado nos convoca à institucionalização desse tema e dessa pauta reivindicatória. Por fim, almeja-se apresentar os importantes passos caminhados, e ainda em francas caminhadas, na direção da construção e fortalecimento desse importante espaço institucional de gestão dos saberes tradicionais e das culturas populares na UFRJ. Um artigo-convite à construção de novas alianças teóricas, institucionais, comunitárias e espirituais que possam auxiliar nesse momento ímpar na UFRJ, orientando as próximas etapas de enfrentamento dos desafios e do encontro com as alegrias de justas vitórias que se apontam no horizonte.

Palavras-chaves: Encontro de saberes; Saberes tradicionais; Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SuperSaberes - la construcción de la Superintendencia de Conocimientos Tradicionales en la UFRJ

Resumen: Este artículo pretende relatar la trayectoria de construcción de la Superintendencia de Conocimientos Tradicionales de la UFRJ – SuperSaberes y, para ello, busca presentar ejemplos de las aproximaciones de la universidad con los conocimientos tradicionales y las culturas populares a lo largo de su historia. Teniendo su origen originalmente vinculado a la educación superior que servía a una élite social y económica, la UFRJ a lo largo de su trayectoria se transformó impulsada por diversos movimientos sociales, políticos y epistemológicos. Uno de los logros de uno de estos movimientos fue la democratización del acceso a través de la implementación de la Ley de Cuotas, haciendo que las universidades públicas fueran más plurales y diversas, lo que impulsó cambios sustanciales en las políticas institucionales, contenidos, programas, menús, referencias, etc. Aunque tardía en relación con la implementación de políticas y acciones relacionadas con las cuotas y la inclusión de los conocimientos tradicionales en la UFRJ, se pretende presentar los pasos importantes construidos para la construcción de un espacio institucional para la gestión del conocimiento tradicional y las culturas populares en la UFRJ, así como un panorama histórico de las acciones que ayudaron a solidificar esta construcción de diálogo entre el conocimiento académico, popular y tradicional en la UFRJ.

Palabras clave: Encuentro de conocimientos; conocimientos tradicionales; Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SuperSaberes - the construction of the Superintendence of Traditional Knowledge at UFRJ

Abstract: This article is a cartography of the construction process of the Superintendence of Traditional Knowledge at UFRJ, located in the Forum of Science and Culture, the body that coordinates policies for cultural diffusion and scientific dissemination at UFRJ with the objective of promoting cross-cutting actions between the various áreas of the knowledge and strengthening between the University and civil society. Known as SuperSaberes, this management space is the result of the fight for the recognition of traditional knowledge and popular cultures at the University, coordinated by researchers who, over more than three decades, have been developing work at UFRJ with groups belonging to these communities. A construction woven by friendly sharing and collectively embroidered by the hands of masters of tradition and UFRJ academics inspired and infected by experiences of inclusion of masters of traditional knowledge in Brazilian public universities. The relevance of this manuscript is contextualized to the fact that it recognizes the creation of SuperSaberes as part of the achievements of groups historically violated of their rights in the face of a society structured by racism and the colonial logic still present in the country. It is important to contextualize that the origin of UFRJ is linked to higher education to serve a social and economic elite, but through out its history, it has been crossed by various social, political and epistemological movements, driving transformations. One of these achievements was the democratization of Access through the implementation of Law nº 12,711/2012, known as the Quota Law, which made public universities more plural and diversified. The Law boosted substantial changes in institutional policies, content, programs, menus and references, as well as the entry of students from Black and indigenous communities, posing a new challenge to the university: permanence. In the narratives of these students within the academy, there is an echo of the clamor for the presence of professors and referential bases specific to their peoples, instead of being forced to move within a Euro-Christian referential base, which many times appear as the place of colonizer in its marks, histories and community memories. It is thus, although late in relation to the implementation of policies and affirmative actions related to quotas and the inclusion of traditional knowledge at UFRJ, that this cry calls us to the institutionalization of this the meand this agenda of demands. Finally, we aim to present the important steps taken, and still in franksteps, towards the construction and strengthening of this important institutional space for the management of traditional knowledgeand popular cultures at UFRJ. An invitation article to build new theoretical, institutional, community and spiritual alliances that can help in this unique moment at UFRJ, guiding the next stages of facing the challenges and meeting the joys of fair victories that are pointed out on the horizon.

Keywords: Knowledge encounter; Traditional Knowledges; Federal University of Rio de Janeiro

SuperSaberes - a construção da Superintendência de Saberes Tradicionais na UFRJ

A UFRJ e as confluências de saberes

Neste artigo propomos dialogar com novas amigas e amigos, leitoras e leitores, sobre a trajetória e as amizades que nos acompanharam (e nos acompanham) no processo de

construção e implantação da Superintendência de Saberes Tradicionais na UFRJ. O percurso histórico de construção da Superintendência de Saberes Tradicionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SuperSaberes-

UFRJ), remonta à trajetória de trabalhos já desenvolvidos por docentes, técnicos e discentes em ações de ensino, pesquisa e extensão na Universidade por mais de três décadas. Esses trabalhos junto a comunidades tradicionais já vinham sendo realizados por docentes, discentes e técnicos da UFRJ, não como eixo central da instituição, mas girando pelas margens. São experiências que inventam e expressam diferentes formas de construir linhas de diálogos, ou como afirma o nosso mestre quilombola Antônio Bispo (SANTOS, 2019), manifestando as confluências entre o saber acadêmico, predominantemente eurocentrado, sintéticos, e os saberes orgânicos, isto é, saberes constituídos por povos e comunidades tradicionais (PCT) e das mais diversas tradições populares, verdadeiros alicerces culturais da população brasileira.

A dureza das políticas apresentadas pelo governo ultraconservador que o país viveu nos últimos anos levou a universidade a acelerar o processo de abertura a diferentes saberes e flexibilização de currículos, metodologias e processos avaliativos. Reconhecemos

rapidamente, enquanto instituição, que era necessário unirmos forças para afirmarmos a vida.

Foi nesse contexto que o tema dos saberes tradicionais foi saindo dos campos periféricos para alcançar, no auge da pandemia, o lugar de reconhecimento institucional, culminando com a constituição da superintendência de saberes tradicionais do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

Ainda que, assim como outras universidades, a UFRJ tenha feito um caminho próprio, movido por questões pulsantes em nossa universidade e em nosso estado, este não foi um caminho solitário. Inspiramo-nos, apoiamo-nos e aprendemos muito com muitas outras experiências. O caminho para a constituição da Superintendência de Saberes Tradicionais da UFRJ foi tecido e bordado por muitas mãos, vias e com muitas aproximações de amizade.

Afinados a perspectiva de que cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele (Alvarez & Passos, 2009, p. 135), a cartografia aqui apresentada testemunha algumas rodas de amizade que nos alimentaram e

impulsionaram até o momento presente.

Roda de inspiração teórica - amigas e amigos que nos ajudam a repensar o chão

Além das experiências dessas universidades, trouxemos também para o diálogo grandes amizades teóricas, que nos deslocaram do ponto em que estávamos - contraditoriamente, o ponto que deixava a universidade ao mesmo tempo na zona de conforto e no ponto morto, quando não mortífero - e nos apontaram caminhos.

Cientes de que estamos fazendo uma ponte entre duas epistemes, invocamos a nossa grande mestra e dama do samba, Dona Ivone Lara. Ela, ciente de estar adentrando territórios masculinos, se apresenta como mulher sambista *obediente*, e pede licença para chegar *devagarinho*. Dona Ivone também fez a ponte entre o terreiro/samba e a academia/hospital, onde estudou e atuou na assistência social e na saúde mental. Ao adentrar o samba - território conhecido como masculino - e depois os territórios conhecidos como "brancos", a universidade e o

hospital, ela reflete sobre essa chegada em um lugar que reconhece como um lugar outro.

Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho. Mas eu vim de lá pequenininho. Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho. Alguém me avisou prapisar nesse chão devagarinho (LARA, 1992).

Foi assim, pisando devagarinho nesse chão da academia, trazendo mitos, ritos, saberes e seus próprios corpos pretos, indígenas, caiçaras, de festejos, que as comunidades tradicionais foram chegando para essa conversa e transformando nosso caminhar. Aos poucos fomos nos aproximando de amizades que nos impulsionavam, ao mesmo tempo em que nos desafiavam a ousar, em nosso fazer-sentir-pensar. E assim, nos inspirando em experiências de amigas e amigos das comunidades acadêmicas e de povos tradicionais, nos vimos a girar com novas possibilidades. Da mesma forma, as amizades teóricas se apresentaram em crescente aprofundamento e em cronologia circular. Foram muitas amizades teóricas que generosamente se apresentaram nessa trilha.

Lembrando o aprendizado com a circularidade do terreiro Yorubá, reunimos forças principalmente porque nos acompanharam nessa jornada algumas importantes amizades teóricas. Assim, para nossa roda de conversa entre amigas e amigos, convidamos Leda Maria Martins, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, Grada Kilomba e Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxóssi), Antônio Bispo Dos Santos, Luiz Antônio Simas, Luiz Rufino, Paulo José Reis (Babalorixá do Ilé Asé Ògún Àlákòró), Rafael Haddock-Lobo, Sidney Nogueira e Silvio de Almeida.

Iniciamos nossa roda com a colaboração de Martins (2021), que nos traz a importância da religiosidade, da vivência do sagrado como ícone de resistência e sobrevivência dos povos africanos em diáspora, afirma a autora que “A história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular constituiu um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social”. (MARTINS, 2021, p. 30).

Para apoiar nossa busca de novos modos de pensar e agir,

contamos com as narrativas da psicóloga e ativista Mãe Stella em seu livro "O que as folhas cantam" (Santos, 2021), que nos ajuda a refletir sobre a urgência de uma universidade plural, que possa florescer em diversidades, refletir muitos corpos e ecoar muitas vozes.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SANTOS, 2021, p.46).

Como estratégia inventiva de resistência ativa e como prática de afirmação, Beatriz Nascimento (2021) nos traz importantes reflexões. A autora nos ensinou que quilombo não se resume a um lugar de refúgio, quilombo é um território de reconstrução dos modos de vida para negros e indígenas. Nascimento (2021), mostra a importância do aquilombar-se, da possibilidade da criação de novas estruturas coletivas de vida, de luta e de resistência. Assim nos fala a autora:

Agindo nos seus locais, seja no "terreiro" místico, nas comunidades familiares, nas favelas, nos espaços recreativos (manifestando música de origem africana, afro-americana ou afro-brasileira), os povos africanos da América provocam mudanças nas relações raciais e sociais. Ocupando espaços com seu corpo físico (território existencial), eles apoderam-se da cidade, reproduzindo o modo dos antigos quilombolas, tornando-se, como aqueles, visíveis ao regime. Fazendo deste um espaço descontínuo no tempo, em que as "frinchas" provocam linhas de fuga e são elementos de dinamização que geram um meio social específico. Assim se dava com os quilombos e seus similares ao longo da história da América. Assim se dá hoje com os grupos negros ou afro-americanos (NASCIMENTO, 2021, p. 251).

Em nossa roda de mulheres sábias, chega também a Grada Kilomba (2019), embora fora do contexto afro-brasileiro, pertencente a uma matriz comum - África, o grande berço da humanidade. Kilomba nos provoca profundamente, convidando a refletir sobre a própria arte de produzir escritos - tão central em nossos ritos acadêmicos. Nos desafia a pensar modos de produção de conhecimento que não excluam a produção de si, e

propõe a ideia de que todas as narrativas são situadas.

(...) demando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas - não há discursos neutros. Quando acadêmicas /os brancas/os afirmam ter um discurso neutro objetivo, não estão reconhecendo o fato de que eles também escrevem de um lugar específico que naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder. Desse modo, se esses ensaios parecem preocupados em narrar as emoções e a subjetividade como parte do discurso teórico, vale lembrar que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém (KILOMBA, 2019, p.58).

Nesse giro da roda que nos trouxe saberes femininos, fechamos com Mãe Stella Santos (2020), importante mestra do Encontro de Saberes na UnB, que nos deixou um grande legado de ensinamentos, lições que ela mesma aprendeu em sua vivência no terreiro e que generosamente nos disponibiliza através de suas publicações.

Mãe Stella, a lalorixá escritora, com sua sabedoria, foco, coragem e ousadia,

características próprias de uma caçadora, faz a travessia da oralidade para a escrita, preservando em sua escrita rastros de suas memórias, rastros esses que também se tornaram norteadores desta pesquisa (NASCIMENTO, 2023, p. 58).

De sua obra "O que cantam as folhas", colhemos cantigas, Itán, de seus artigos, reflexões que compõem as bases dos saberes dos povos de terreiro, das tradições afro-brasileiras. A *griotte* diaspórica e escritora nos remete com seus escritos as tradições culturais afro-brasileira.

Quando os meus filhos me pediram para fazer este livro, eu achei a coisa mais difícil do mundo (...) algum tempo depois, resolvi falar sobre o meu Òrisà (...), pois entendi que a tradição passada de maneira oral é primordial, pois só através dela o Àse é transmitido, mas que a linguagem escrita é um instrumento colaborador de transmissão de conhecimento (...) pensando assim, recorri às minhas anotações, lembrei de conversas que tive com os mais velhos e resolvi fazer este livro (OXOSSI, 2006, p. 9).

Passando para uma segunda rodada de nosso giro teórico, chamamos agora para a roda os amigos, homens sábios que nos inspiram e direcionam. Começamos

com o quilombola Antônio Bispo dos Santos (2019), mestre amigo do projeto Encontro de Saberes presente hoje em várias universidades do Brasil, que contribuiu de forma significativa na fundamentação das reflexões sobre práticas de resistência na universidade e sobre a importância da validação dos saberes orgânicos pertencentes aos povos tradicionais. O amigo e Mestre afirma:

O termo quilombo que antes era imposto como uma denominação de uma organização criminosa reaparece agora como uma organização de direito, reivindicada pelos próprios sujeitos quilombolas. O mesmo ocorre com o termo povos indígenas, que também foi ressignificado por esses povos como uma categoria de reivindicação de seus direitos. Ao acatarmos essas denominações, por reivindicação nossa, sabendo que no passado elas foram impostas, nós só o fizemos porque somos capazes de ressignificá-las. Tanto é que elas se transformaram do crime para o direito, do pejorativo para o afirmativo. Isso demonstra um fluxo filosófico que é o resultado direto da nossa capacidade de pensar e elaborar conceitos circulantes (SANTOS, 2019, p.72).

A compreensão sobre a ressignificação enquanto prática

inventiva de resistência nos levou a dialogar também com Simas e Rufino (2018), que nos conduziram pelos caminhos do encantamento na busca de fundamentação argumentativa para a proposição de uma iniciativa institucional capaz de fazer convergir as experiências com saberes tradicionais. Os autores fortaleceram, com suas obras, uma episteme que nasce no chão dos terreiros e das rodas de capoeira e chega à academia trazendo a possibilidade de aprendizados curativos, baseados nos saberes tradicionais e contribuindo para que outras epistemes também possam ser acolhidas neste espaço de produção de conhecimentos.

Na epistemologia das macumbas um dos principais desafios a ser encarado, tanto na ordem das problematizações acerca dos conhecimentos quanto na feitura das pesquisas, é a capacidade de se lançar em uma espécie de rodopio. O rodopio configura-se como giro que desloca os eixos referenciais, fazendo com que aqueles princípios que comumente são compreendidos como objetos a serem investigados e que por uma série de relações de saber/poder são mantidos sobre uma espécie de regulação discursiva sejam credibilizados como potências emergentes e transgressivas.

Falamos de amarrações versadas, balaios, pontos riscados que enigmatizam e anunciam outros princípios explicativos do mundo, orientados por outras lógicas de saber que revelam experiências que emergem como outros referenciais (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 35).

Chegando para compor a roda, convidamos o filósofo Haddock-Lobo (2022), abrindo caminhos e criando possibilidades para uma nova metodologia de pesquisa. Assim como diz o autor:

Essa primeira digressão sonha com uma Grécia, um potente lugar de cruzamento e que, berço da filosofia, assumiria só ter alcançado essa potência de pensamento justo por não ser nada “pura”, mas ter o privilégio de ser a encruzilhada entre Europa, Áfricas e Ásias. Essa outra Grécia é, em nossa contrametodologia ou nesse descarrego do método, o encontro de Ogum, dono dos caminhos, com seu irmão Exu, o dono das encruzilhadas. (...) O conceito de cruzo é fundamental para uma metodologia macumbeira (HADDOCK-LOBO, 2022, p.132).

Essa nova metodologia nos abre os olhos, escancara o principal recurso de silenciamento de saberes plural, na universidade: o racismo. Para nos auxiliar no estudo sobre racismo em nossa sociedade,

contamos com a colaboração de Almeida (2020), hoje nosso Ministro de Direitos Humanos no Governo Federal. Nos apoiamos em seus estudos para melhor compreender as artimanhas do racismo, suas manobras e seus efeitos devastadores em nossas vidas em todos os aspectos.

Em uma sociedade que se apresenta como globalizada, multicultural e constituída de mercados livres, "o racismo já não ousa se apresentar sem disfarces". É desse modo que o racismo passa para a destruição das culturas e de corpos com ela identificados para a domesticação de cultura e de corpos. Por constituir-se da incerteza e da indeterminação, é certo que o racismo pode, a qualquer momento, descambar para a violência explícita, a tortura e o extermínio (ALMEIDA, 2020, p. 72,73).

O racismo que se constitui em violência cotidiana é nossa experiência de país e, portanto, de universidade. O racismo que "descamba para violência explícita, tortura e extermínio" (Op. Cit) se tornou também nossa experiência de país, em especial e com maior evidência ao longo dos últimos anos no Brasil, governados por uma política de ultradireita, violenta, dominadora e exterminadora.

Essa experiência radical pediu de nós também movimentos radicais. Em busca de caminhos de cura e abertura da universidade, recorremos a uma reflexão de Ailton Krenak em "Pensando com a cabeça na terra" (2019), que coloca algumas provocações para as Instituições de Ensino Superior e propõe pensarmos com cabeça na terra. Ele baseia sua crítica no fato das mesmas continuarem mantendo práticas conservadoras mesmo após a instituição das cotas, com a Lei nº 12.711/12 incluindo negros e indígenas. Para atravessar essas questões, Krenak afirma que é preciso se deparar com uma pergunta inevitável: "qual o meu lugar?" (KRENAK, 2019, p. 85). O modelo colonial europeu e racional presente nas Universidades incide uma enorme fenda na relação com corpos racializados que entram na Universidade pelo sistema de cotas, fazendo com que muitos se sintam menores perante o universalismo científico e não se reconhecendo nesse sistema de saber.

Em suas provocações, Krenak nos incita a lembrar que esse lugar, "o meu lugar", não se separa do território.

Desse modo, um saber ancorado no “meu lugar”, lugar de origem, espaço originário, aponta inevitavelmente para a pluriversidade. As paisagens do mundo são diversas, assim como seus corpos-territórios. Assim, para Krenak, o “meu lugar” instaura uma perspectiva de saber ligado ao corpo, ao território e à ancestralidade. Ele nos lembra como, em países que foram colonizados como o Brasil, as Universidades constituem saberes através de “vozes estranhas”, estrangeiras, “vozes de outros lugares” que insistem em tentar reduzir as diferenças locais, as subjetividades e saberes de cada bioma.

Essa redução nos levou, ao longo dos séculos, à equivocada percepção de que existem corpos que podem e devem ser dominados, por serem *menores*. Com esse triste olhar reducionista, nos colocamos a dominar seres e a possuir terras (LOUREIRO; COSTA, 2003). A esse respeito, o Mestre Guarani Mbya Cacique Miguel, falecido em 2022 aos 120 anos, amigo-integrante do Encontro de Saberes da UFRJ em 2019, comenta: "não existe 'minha terra' porque sou eu que pertenço ao lugar. Eu sou da terra, não é a terra que é minha" (Miguel,

2019). É, então, a busca de superação desse mortífero exercício de reduzir e dominar, que nos mobiliza em direção a um outro modo de existir no mundo e de pensar a universidade.

Amizades e inspirações institucionais para fazer florescer nosso ilê, nosso tekoa - a universidade

Algumas experiências na UFRJ e em outras universidades do país foram parte importante dessa caminhada, pois nos demonstram que é tanto possível quanto inadiável a reformulação de nossas instituições. Algumas dessas experiências vêm rompendo com a centralidade de saberes constituídos como acadêmicos e abrindo o caminho aos saberes tradicionais e populares nas universidades ao longo das últimas décadas.

a) Amizades de dentro da comunidade UFRJ

Muitos projetos que chegaram antes, firmaram o ponto e abriram caminhos. A UFRJ vem, ao longo de sua história, estabelecendo diferentes contatos com a comunidade externa, viabilizando projetos de pesquisa e extensão que

contam com a participação dessas comunidades - incluindo-se aí muitas comunidades tradicionais. Nos últimos 30 anos, um giro epistêmico tem aproximado a universidade dos saberes tradicionais a partir de uma outra perspectiva: aos poucos essas comunidades foram deixando o lugar de "público-alvo da extensão" ou de "objeto da pesquisa", passando a ser convidadas a compor, em parceria, o lugar de proponentes das ações. Tem sido um longo caminho.

Algumas dessas experiências fazem parte da base de construção da SuperSaberes. A partir da aproximação entre duas docentes - Eleonora Gabriel, coordenadora da Companhia Folclórica da UFRJ, e Samira Costa, coordenadora do Programa Saberes e Ocupações Tradicionais, se confirma a intenção de tecer caminhos "junto-com", evidenciando a necessidade de construção de espaços institucionais de convergência para tais iniciativas. A articulação entre elas e o professor da UnB José Jorge de Carvalho, coordenador do Programa Encontro de Saberes, promoveu o desejo de convidar mais amigas e amigos para este movimento.

A professora Katya Gualter, que naquele momento criava o grupo Ancestralidades em Rede, foi convidada para a roda, e trouxe consigo o professor Frank Wilson, também integrante da Companhia Folclórica e do grupo Ancestralidades em Rede. A convite da professora Samira, chegaram também na roda o professor Emerson Merhy, coordenador do estudo com parteiras do norte, o professor Gustavo Melo, coordenador de estudos com pescadores artesanais, e a professora Marcia Costa, coordenadora do Laboratório de Estudos Africanos integrados às atividades e a Terapia Ocupacional -Lab-Isé, a partir do interesse pelos saberes dos povos Yorubá no Brasil, mais especificamente do candomblé.

Chegaram também à nossa roda o professor Samuel Araújo, coordenador do Laboratório de Etnomusicologia na Escola de Música, e Wagner Chaves, do Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, indicados pelo professor José Jorge como grandes parceiros nos estudos com grupos de festejos populares.

Além disso, nos aproximamos desde o início da Pró-reitoria de Extensão, representada pela professora Ivana Bentes, que nos apoiou e acompanhou boa parte do tempo, tendo também indicado a professora Ana Inês Sousa - Substituta Eventual da Pró-Reitora, para seguir no apoio ao grupo.

Completando o primeiro giro, a necessária aproximação também com a Pró-reitoria de pós graduação nos levou à formalização de participação dos Programas de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS (IP), do qual fazem parte Samira, Emerson e Marcia, e Mestrado Profissional do NIDES, do qual faz parte o professor Carlos Henrique, último integrante a chegar nessa primeira rodada de nossa espiral.

Esse grupo chegou a essa composição no início de 2020, e se reuniu assiduamente ao longo de todo o período da pandemia, entre 2020 e 2022, trabalhando com afinco na proposição que levaria à institucionalização de nosso projeto, cuja proposição é pretensiosa: contribuir para a abertura irretornável da universidade aos saberes e aos

mestres e mestras tradicionais, e construção de uma pauta acadêmica junto com as comunidades de tradição.

Ao mesmo tempo em que o grupo se consolidava, suas iniciativas se aprofundavam. A Companhia Folclórica trouxe a possibilidade da oferta da disciplina Encontro de Saberes de forma remota. O Grupo Ancestralidades em Redes cresceu em número e força, gerando propostas de pesquisas, eventos e artigos, além de ampliar a adesão para pessoas de muitos lugares e instituições diferentes, independente de suas vinculações acadêmicas. Os estudos com as parteiras do Norte trouxeram a possibilidade de acolhimento de pesquisas no EICOS voltados para saberes tradicionais e comunitários.

O Programa Saberes e Ocupações Tradicionais criou o grupo de pesquisa Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações, que passou a receber pesquisas de graduação, mestrado e doutorado desenvolvidas por pessoas de pertencimento a grupos e comunidades de tradição.

Esses movimentos de expansão dos projetos foram simultâneos e potencializam o nascimento da SuperSaberes, trazendo muitas outras

peessoas para a segunda rodada de nossa espiral. E é nessa segunda rodada que a mestre e Ebomi Janete Nascimento se junta ao grupo, partilhando a escrita desse texto.

b) Amizades em vizinhança: outras universidades como companheiras de jornada

Muitas universidades vêm propondo e, algumas, efetivamente realizando este deslocamento. É preciso aqui dar destaque ao poder e potencial aglutinador dessas iniciativas todas, gerado pelo Programa Nacional Encontro de Saberes, uma proposta pioneira no país de inclusão de mestres e mestras tradicionais nas disciplinas regulares de cursos de graduação e pós-graduação. O Encontro de Saberes é uma iniciativa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) que assim reflete sobre esse desafio⁷:

Trata-se de um desafio de grandes proporções devido ao verdadeiro abismo que separa os dois mundos que pretendemos colocar em diálogo: o mundo acadêmico, altamente letrado e centrado

exclusivamente nos saberes derivados das universidades ocidentais modernas; e o mundo dos saberes tradicionais, centrado na transmissão oral e que preserva saberes de matrizes indígenas e africanas e de outras comunidades tradicionais, acumuladas durante séculos no Brasil.

O programa *Encontro de Saberes*, coordenado por José Jorge de Carvalho, que o dinamiza a partir do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) tem servido de aporte teórico e conceitual nessa relação entre as universidades e os saberes tradicionais e suas experiências servido como inspiração para outras propostas. Esse programa integra uma rede de universidades brasileiras e diversas comunidades e seus mestres e mestras de saberes tradicionais.

A meta do projeto é propiciar um espaço de experimentação pedagógica e epistêmica no ensino capaz de inspirar resgates de saberes e inovações que beneficiem a todos os envolvidos – estudantes, mestres e professores.

Nesse contexto, a aproximação com o *Encontro de Saberes* visa

⁷ <https://inctinclusao.com.br/encontro-de-saberes/encontro-de-saberes>

atender a um anseio pela transformação nos modelos epistêmicos da tradição universitária brasileira. Essa demanda vem se apresentando em processo construído de forma longitudinal, em sequências de fluxos, num processo que poderíamos chamar de *encadeado*, mas preferimos chamar de processo *em-cachoeira*.

Em 2003 o Brasil aprovou a lei 10.639, inserindo história e cultura afro-brasileira nos currículos básicos, fundamentais e médios. Pouco tempo depois, em 2008, essa lei foi reformulada incluindo também a cultura indígena (11645). Esse foi o início do processo de escolarização pluriversa, criando possibilidades para crianças e adolescentes estudarem dentro de um currículo que abrangesse nossa diversidade cultural. Não foi rápido nem simples, mas muitos desses adolescentes, ao acessarem essa transformação no ensino, buscaram a formação universitária.

Para superar a experiência histórica de pretos e indígenas continuamente esbarrarem nos portões da academia, dez anos depois da Lei 10639 o Brasil aprovou a Lei

das Cotas (12.711/2012), na qual a democratização das formas de acesso permitiu a uma parcela historicamente distanciada do ambiente universitário a entrada e vivência acadêmica no ensino superior (GOMES, 2019). Isso ampliou de forma aguda, inequívoca e irretornável os questionamentos sobre que universidade queremos. Para esses jovens, entrar já não era fácil, permanecer também não é simples, especialmente em um território que não apresenta referências de suas bases. Emerge com força, então, a demanda por docentes advindos dos diferentes Territórios culturais e de pertencimento.

Uma das principais questões diz respeito à presença das diferentes culturas e saberes no ensino superior. Com o aumento da presença de estudantes negros (pretos e pardos) e indígenas nas universidades, tornou-se necessário repensar e reorganizar os currículos para que estes reflitam de maneira mais adequada a diversidade cultural e étnica do Brasil. Assim, a adequação dos componentes curriculares, ementas e programas de curso tornou-se um desafio ao corpo social, visando atender a uma demanda emergente e representativa

da sociedade brasileira. É importante ressaltar que essa demanda não se restringe apenas aos saberes específicos das diferentes culturas, mas também a uma revisão crítica dos próprios conceitos, teorias e metodologias das diversas áreas do conhecimento.

Um eixo fundamental do processo vem sendo estruturado a partir da ideia de desconstruir um modelo ligado às tradições acadêmicas eurocentradas. Entra em cena o debate sobre estratégias para descolonizar os caminhos metodológicos e conceituais, promovendo o encontro com os conceitos de decolonialidade e contracolônização. Este último defendido e ilustrado por Antônio Bispo⁸, durante uma experiência marcante de construção de uma disciplina oferecida na Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ.

Esse Programa Nacional tem apoiado, incentivado e provocado profundas reflexões no meio acadêmico brasileiro, tendo sido importante fonte de inspiração e base

referencial para o caminho trilhado na UFRJ.

Inspiramo-nos também nas experiências de outras universidades, como a forma descentralizada como a Federal Fluminense – UFF conduziu esse processo, pioneira em trazer o Encontro de Saberes para o Estado do Rio de Janeiro; e na ousadia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, que criou um percurso transversal aos currículos de graduação com os saberes tradicionais.

Encontro de um coletivo em construção: o nascimento da SuperSaberes

O nascimento desta Superintendência não foi um movimento de projetos isolados que planejavam se juntar. Ao contrário, foi a força da ancestralidade - presente, convicta e inarredável - que, ouvindo os gritos dos sobreviventes aos contínuos ataques em todos os níveis (físico, mental, espiritual, político e moral) nos fazia entender a urgência de se partilhar a SuperSaberes. E foi essa força que nos reuniu. Partindo de ações isoladas e dos desejos comuns que partilhávamos, e principalmente

⁸ Pensador e liderança quilombola, parceiro das ações do Encontro de Saberes

convocados pela força que nos reivindicava urgência, colocamo-nos a caminhar, confiantes nos passos, embora ainda não houvesse trilha aberta.

Recuperando rastros, vemos novamente que foi *em-cachoeira* que os acontecimentos fluíram. Lembramo-nos que em 2015, por meio de uma outra iniciativa do Fórum de Ciência e Cultura (a UPMS - Universidade Popular dos Movimentos Sociais), fizemos contato com muitas mestras e mestres do Brasil. Porém, uma iniciativa que dependia de parcerias externas e que, por isso mesmo, não se manteve. Nessa UPMS conhecemos mestres que nos falaram sobre o Encontro de Saberes da UnB. Em 2016 fizemos uma primeira conversa com o Encontro de Saberes/ INCTI (UnB), mas sem frutos institucionais. Em 2017, uma das professoras da UFRJ foi fazer o pós doutoramento no INCTI e, em 2018, fizemos nossa roda para fundar o Encontro de Saberes na UFRJ. Em 2019 fizemos nossa primeira disciplina do Encontro de Saberes na UFRJ, e esse parecia ser o caminho que seguiríamos: aos poucos constituiríamos pequenos grupos, por

unidades, que pudessem criar e desenvolver a disciplina. Isso daria conta, lentamente, dos muitos sofrimentos apontados por Cássia Kidoiale em seu artigo escrito junto com José Jorge Carvalho, Samira Costa e Emílio Nolasco, sobre esse sofrimento acadêmico (Carvalho et al, 2020).

Porém, o ano de 2020 nos reservava grandes surpresas, e a demanda de caminhos mais radicais. O isolamento físico e as mortes por COVID fizeram agigantar o sofrimento que já estava latejando nos corpos acadêmicos. Surgiu então a lembrança de que o cuidado e a cura poderiam vir desses lugares outros, até então caminhantes da longa margem da universidade: os saberes tradicionais. Com isso, emerge a necessidade e o desejo de agregar outros docentes e técnicos-administrativos para pensar na efetivação de uma coletividade que pudesse elaborar uma estrutura de organização que atendesse ao caráter de integração entre as diferentes unidades e diferentes projetos e ações realizados com povos de tradição.

Partimos para a elaboração de uma minuta que seria apresentada em diferentes instâncias administrativas

que contemplassem os objetivos propostos. Houve um longo debate por mais de dois anos envolvendo as Pró-reitorias de Extensão, de Pós-Graduação e de Graduação. Entendíamos que essas Pró-reitorias seriam parcerias imprescindíveis, mas sabíamos também que a localização institucional não poderia estar em apenas uma delas, uma vez que a inserção e a transformação deveria se dar em todos os âmbitos e níveis da UFRJ. Chegamos à conclusão de que o espaço que melhor atenderia ao propósito do projeto seria o Fórum de Ciência e Cultura, por ser uma entidade transversal e em igualdade com as Pró-reitorias, no fluxograma da universidade. Na relação com o Fórum, o projeto foi convidado a compor uma das superintendências já existentes, mas sabíamos que isso não seria suficiente. Propusemos então a criação de uma nova superintendência, a Superintendência de Saberes Tradicionais da UFRJ - a SuperSaberes, aprovada em reunião do Conselho Universitário em 23 de março de 2022, tendo sua efetiva implantação em fevereiro de 2023.

A criação da Superintendência intenciona reunir todos os projetos de

extensão, ensino e pesquisa, grupos, docentes, discentes, técnicas e técnicos, pesquisadoras e pesquisadores que dialogam com os conhecimentos tradicionais, e assim criar uma rede institucional para fomentar a política de inclusão dos saberes tradicionais na UFRJ e difundir-los dentro e fora do ambiente acadêmico. A Superintendência também propõe centralizar o debate e as análises de pedidos de diplomação por Notório Saber advindos de mestras e mestres de tradição, criando a categoria "Notório Saber Tradicional", e compor - junto com a câmara de políticas raciais e o NEABI da UFRJ - o Observatório Nacional das Cotas, coordenado pelo INCTI/UnB.

A contínua chegada e a Rede de Saberes Tradicionais

Depois de instituída e instalada fisicamente no Fórum de Ciência e Cultura, partiu-se para uma chamada a outros grupos, projetos e ações com iniciativas em comum. Nessa primeira rodada de gestão, Marcia Costa, foi indicada pelo colegiado que gestou e pariu a SuperSaberes a ocupar o lugar de Superintendente em dezembro de 2022. Foram realizadas três reuniões

até o momento. Com a proposta de encontros mensais, a primeira com a presença de 26 pessoas apresentando a comunidade acadêmica a nova Superintendência e seus objetivos; na segunda com 48 pessoas, integrantes/representantes de diferentes ações das mais variadas unidades da UFRJ com intuito de criação do Museu Vivo de Saberes Tradicionais da UFRJ; e na terceira com a formação dos Grupos de Trabalhos para a construção coletiva e compartilhada entre acadêmicos da UFRJ e mestres tradicionais, da política de inclusão de mestres e saberes tradicionais na UFRJ.



Imagem 1 - I Reunião da Superintendência de Saberes Tradicionais com a comunidade acadêmica da UFRJ. Fotógrafo Everaldo Carneiro



Imagem 2 - III Reunião com a comunidade acadêmica da UFRJ e com pertencentes às comunidades tradicionais parceiras da SuperSaberes. Fotógrafo Luiz Oliveira

A superintendência abriu suas atividades criando um grande chamado a toda comunidade acadêmica, independente de nível de ensino, campus, modalidade de ação ou pertencimento a comunidades de tradição.

Com intenção de fazer um encontro por mês, o primeiro chamado foi despretensioso e tinha como objetivo apresentar-se à comunidade acadêmica e a expectativa de sondar, verificar e reunir as primeiras pessoas interessadas. Vieram muitas pessoas, de muitos lugares e campi diferentes, e muitas fizeram contato declarando interesse de participar, apesar de impossibilidades momentâneas. Com isso, nos mostraram a necessidade de termos encontros em espaços

maiores, com mais tempo, em diferentes lugares.

Os encontros seguintes foram marcados sempre por novas chegadas, criando assim a Rede de Saberes Tradicionais da UFRJ, uma rede em amplo crescimento tanto em tamanho quanto em potência, na qual muitas realizações são ativadas e mobilizadas.

Lembrando Nego Bispo (SANTOS, 2015), reconhecemos nesses encontros a alegria dos corpos ao sentirem o cheiro do solo fecundo, pronto a acolher e gestar novas possibilidades.

*De repente um cheiro
Um cheiro vadio
Um cheiro de cio
Cheiro de tesão
De repente um cheiro
Um cheiro úmido
De corpos fecundos
Choveu no Sertão*

Assim seguimos com encontros mensais, em contínuo crescimento, e com a intenção de ao mesmo tempo enraizar o que já existe, partejar o que está em nascimento, ensaiar novos amores, novas gestações.

O Museu Vivo de Saberes Tradicionais da UFRJ

Coordenado pela Superintendência de Saberes Tradicionais (SuperSaberes) do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, o Projeto Museu Vivo de Saberes Tradicionais da UFRJ (MVST-UFRJ), surge a partir da constatação da lacuna sobre os conhecimentos oriundos de povos tradicionais, tanto na UFRJ quanto em outras instituições de ciência, cultura e tecnologia do país. O Projeto alinhado à política da SuperSaberes, se estruturou envolvendo grupos e instituições ligados à cultura de povos tradicionais e populares, à ciência e à tecnologia. Sua proposta é tensionar as bases dos campos da ciência e da tecnologia, com intuito de incorporar de forma responsável e compromissada, políticas de reparação histórica de grupos violados de seus direitos nessas instituições. Sua criação também se pauta na necessidade de romper com os modelos coloniais de pesquisar sobre esses povos, determinando sobre eles a condição de objetos de estudo. Propõe-se uma virada epistemológica, ou seja, o de incluir nessas instituições, em

agências de fomentos, mestres tradicionais como agentes dos processos de pesquisar, fazer e difundir ciências, a partir de referenciais culturais, onto e epistemológicos próprios. Inclusão que reivindica condições de reconhecimento enquanto pesquisadores acadêmicos, inclusive com remuneração condizente.

Enquanto Museu de Território, sustentado pela concepção Sociológica de Museu, o MVST-UFRJ não se restringe à ideia de um edifício que abriga uma coleção, mas que valoriza, sobretudo, as comunidades como agentes dos processos de patrimonialização. O orientado pela filosofia de histórias vivas, se propõe a preservar o patrimônio imaterial referente aos saberes e fazeres dos povos e comunidades tradicionais. Como museu de território seu objetivo é implantar, em diferentes partes do país, Praças de Ciências indígenas, quilombolas, de terreiro, entre outros, em parceria com pesquisadores da UFRJ, Secretária Municipais e equipamentos culturais como Museus.

Seu objetivo com a implantação dessas Praças, é congregar ações que irão compor o MVST-UFRJ, e com ele

produzir um polo de formação, produção e difusão de conhecimento ancorado na sabedoria e na participação desses povos como agentes. Assim, além das ações desenvolvidas em cada território, a cada 12 meses um encontro de culminância com todas as Praças de Ciências dos Povos Tradicionais acontecerá no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, contando com a parceria dos Museus dos municípios de Niterói e Rio de Janeiro, como o Museu de História e Cultura Afro-brasileira (MUHCAB) e o Museu de Cultura Popular Janete Costa.

Vale dizer que a escolha dos museus foi no sentido de ampliar a rede de ação dos saberes tradicionais na UFRJ e fora dela. O MUHCAB, por exemplo, como um museu de tipologia híbrida: museu de território, museu a céu aberto, de responsabilidade social e museu histórico, situado na Pequena África, e que recentemente participou do Acordo de Cooperação Internacional firmado entre a Prefeitura do Rio, pela Secretaria Municipal de Cultura, e a Unesco, em dezembro de 2017, contribuindo com a conservação e a gestão compartilhada do Sítio Arqueológico Cais do Valongo, porto

que teve o maior desembarque de africanos escravizados no mundo, e que recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO; e pela Fundação de Arte de Niterói com Museu Janete Costa, com acervos de artistas e movimentos culturais de todo o Brasil, ligado a Arte Popular, único museu de arte popular da cidade de Niterói-RJ, apresentando o lema de ser “um espaço do povo, para o povo”.

Por fim, o MVST-UFRJ, através dos encontros anuais, pretende difundir a implantação e circulação das epistemologias desses povos com mestres das tradições indígenas, de terreiro, quilombolas, jongueiros, Ternos Reis, entre outros não só na UFRJ, mas junto à outras experiências em curso no país. O Projeto de criação do Museu Vivo de saberes Tradicionais da UFRJ tem sido uma importante ferramenta de adesão de novas ações da UFRJ, bem como de novos aliados, amigos e parceiros pertencentes às comunidades tradicionais que vêm se aproximando a cada dia da SuperSaberes. Novas aproximações que já compõem as atividades da Superintendência, ampliando e fortalecendo a Rede que

hoje compõe mais de 80 integrantes, entre acadêmicos da UFRJ, outras instituições parceiras e membros de comunidades de terreiro, indígenas, ciganas e quilombolas.



Imagem 3 - Roda de Conversa: As águas, o meio ambiente e os saberes do Povos Tradicionais de matrizes africanas-Casa da Ciência-UFRJ

Notório saber aos/às mestres/as

A SuperSaberes compõe atualmente o comitê que debate a proposta de alteração do texto do Notório Saber da UFRJ, criando a categoria do Notório Saber Tradicional e diferenciando os critérios para tal. Isso destaca o alinhamento que a superintendência tem com a missão institucional da UFRJ. Dentre os itens que compõem essa missão⁹ estão:

valorizar as múltiplas formas de conhecimento e expressão,

⁹ <https://ufrj.br/aceso-a-informacao/institucional/missao-visao-e-valores/>

técnicas e científicas, artísticas e culturais; exercer a cidadania; refletir criticamente sobre a sociedade em que vive; participar do esforço de superação das desigualdades sociais e regionais; assumir o compromisso com a construção de uma sociedade socialmente justa, ambientalmente responsável, respeitadora da diversidade e livre de todas as formas de opressão ou discriminação de classe, gênero, etnia ou nacionalidade; lutar pela universalização da cidadania e pela consolidação da democracia.

O Notório Saber Tradicional está em fase de ajuste de texto, para tramitação em instâncias decisórias.

Sonhos para adiar o fim do mundo e, quem sabe, suspender a Queda do Céu

Enquanto caminha por solos de cura, a SuperSaberes segue sonhando outros amanhã. Ouvimos ideias e conselhos valiosos dos Mestres Ailton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (2015), que nos indicam a importância de cultivar o chão e olhar o céu.

Assim, na SuperSaberes aos poucos foram chegando apoios técnicos necessários, como bolsistas de graduação e de pós-graduação. Mas ainda faltam forças institucionais,

embora as forças comunitárias não nos faltem.

Além disso, existem ainda outras ações desta superintendência são, em longo prazo, (a) criar redes estaduais e nacionais de saberes tradicionais entre as Superintendências da UFRJ e de outras universidades e o poder público, (b) participar da cartografia de saberes tradicionais do Brasil, coordenada pelo INCTI/UnB e (c) estar à disposição do Ministério dos Povos Originários e do Ministério da Igualdade Racial para futuras interlocuções.

Confluindo

Embora seja comum fechar um texto acadêmico com o subtítulo *Concluindo*, optamos por fechar esse texto utilizando a expressão *Confluindo*, uma vez que temos a expectativa e a esperança de que estejamos realmente apenas no início de algo grandioso, muito maior do que nós, e que - como lembra o Mestre Miguel (2019) - não nos pertence.

Utilizamos a concepção de confluência em reverência (não apenas referência) a Nêgo Bispo, que nos ajuda a compreender que é

possível fluir como as águas, convergir para múltiplas zonas de encontros, e que tais zonas não precisam ser muros que nos impeçam nos juntar. As fronteiras podem ser lugares de confluência, de encontro, de diálogo - não precisam ser trincheiras, onde se planejam extermínios de corpos e posses da terra alheia.

A trajetória aqui relatada, na verdade, celebra conquistas importantes que se apresentam como caminhos abertos.

Nos últimos anos, as universidades públicas brasileiras vêm atravessando momentos muito difíceis, onde foi posta à prova a capacidade de resistência e resiliência de seu corpo social. Um panorama econômico desfavorável, associado a um contexto político dos mais perversos já vividos, colocando projetos, programas e ações em desafio constante.

O que podemos destacar após conseguirmos afastar as ameaças que nos assombraram durante esse tempo foi o papel e a força da coletividade como instrumento de luta. Foi na busca do apoio do outro que tinha aproximações de ideias que foi possível ganhar fôlego e criar propostas ainda não tentadas, alianças

ainda não firmadas e recursos impensados.

A Superintendência de Saberes Tradicionais - SuperSaberes é resultado desse momento histórico. Em contraposição às barreiras impostas através de um retrocesso em conquistas nos campos social, cultural, educacional, entre outros, aponta-se agora para a potencialização das relações da UFRJ com os saberes tradicionais através da solidificação de uma estrutura que se pretende permanente, integrada ao sistema organizacional da universidade, com apoio institucional na forma de financiamento, pessoal de apoio, construção de programas e projetos e permanente busca por uma relação dialógica com a sociedade.

A SuperSaberes é composta em seu comitê gestor por docentes de diferentes unidades e campos de saber e se ramifica através de outras conexões com uma impensada rede de outros tantos docentes, servidores-técnicos, estudantes de graduação e pós-graduações e colaboradores externos. Isso a torna potencialmente mais forte, colorida e vibrante.

Assim, findamos esse relato, saudando o início de um trabalho que

almejamos que seja bastante duradouro e exitoso.

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

BASTOS, Geraldo da Silva. *Mulheres Que Rezam e Curam: Narrativas e Resistências em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ)*. Dissertação [Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

BISPO, Antônio dos Santos. *Colonização, Quilombos: Modos e Significações*. Brasília: Ayó, 2019.

CAMPOS, Yussef; KRENAK, Ailton. *Territórios indígenas como lugares de origem - Lugares de Origem*. São Paulo: Jandaia, 2021.

CARVALHO, José Jorge de. *O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna*. In: Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Folclore- IBAC-RJ, 1992.

GOMES, Nilma Lino. *Cotas étnicas*. Seminário Ampliação do acesso à universidade pública: uma urgência democrática, 09 de maio de 2003.

UFMG, p. 1-9. Disponível em: <https://silo.tips/download/cotas-etnicas-1-nilma-lino-gomes-2>. Acesso em: 10 out. 2019.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Abre-caminho – Assentamentos de metodologia cruzada*. Rio de Janeiro: Ape'S, 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Pensando com a cabeça na terra. In: *Ailton Krenak - Coleção Tembetá*. Lisboa: Oca Editorial, 2019.

LARA, Ivonne. 1992. *Letra de Alguém me Avisou* © Warner/chappell Edições Musicais Ltda.

MACHADO, Vanda. *Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2019.

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. 2ª. ed., rev. e atual. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MIGUEL, Xeramöi (2019). *O Arandu de Nhanderu*. Vídeo documentário, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RgPf5rZNHhk>

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*; [Organização Alex Ratts]. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Janete. *O que nos ensinam os itan? A mitologia Yorubá como forma de enfrentamento ao racismo religioso*. Dissertação [Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

REIS, Paulo José. *Narrativas de Itán*. Rio de Janeiro: 2023.

ROBERTO, Frank Wilson; GABRIEL, Eleonora; SANTOS, Alexandre Carvalho dos. Encontro de Saberes na UFRJ – Cultura Popular e Decolonialidade na formação Universitária. In: *Anais do Encontro de Saberes - PPGAC-UFBA*. Salvador: UFBA, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/encontrodesaberesppgacufba/477000-ENCONTRO-DE-SABERES-NA->

UFRJ--CULTURA-POPULAR-E-DECOLONIALIDADE-NA-FORMACAO-UNIVERSITARIA . Acesso em: 31 maio 2023.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Maroula, 2019.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo; DOMINI, Graziela. *O que as folhas cantam (para quem canta a folha)*. Rio de Janeiro: Autorale, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *A ciência encantada da macumba*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. *Arruaças- Uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. *Torna-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.